



RESUMOS > COMUNICAÇÕES  
Sexta-feira > 20/10 > 14:00-15:30  
Auditório Baesse

Solange Aparecida de Campos Costa > Universidade Estadual do Piauí  
**POR UMA POÉTICA DO OLHAR: dos dilemas da imagem na fenomenologia da obra de arte**

Este trabalho examina a questão do olhar na obra de arte a partir da ontologia. Investiga, a princípio, os pressupostos que, desde Platão, tornaram a imagem (eidos) um elemento filosófico por excelência. A abordagem se separa da filosofia platônica e da noção de olhar como epistême e leva a discussão para o âmbito da fenomenologia de Merleau-Ponty, que pensa e compreende a realidade pelo olhar num duplo significado, que vê a si mesmo e também é visto por ele. Este é o principal foco deste artigo, analisar o lugar próprio da arte na contemporaneidade a partir de uma interpretação fenomenológica do olhar, que leva a pensar a recepção e produção da imagem, como um campo de tensões constantes e necessários para a criação. A obra de arte, nesse âmbito, não é apenas um objeto que revela algo a ser contemplado, mas entrevê e cria o próprio mundo no qual o homem ganha sentido. O texto segue o fio condutor da ontologia da obra de arte, enquanto encaminha o pensar para a busca do lugar e da importância da arte, que se revela originariamente como habitação poética do próprio homem. A visão tem, nesse processo, um papel fundamental, porque transfigura sob novos aspectos o mundo a nossa volta e permite que o homem passe também a ser entendido de outro modo a partir disso. A questão do olhar não se restringe, portanto, as limitações do corpo, mas ao contrário, dota o próprio corpo de uma possibilidade renovada de ver que, ao mesmo tempo, afirma e transpõe a limitação do sensível. Para tematizar essas questões o artigo dialoga com autores que tratam do olhar na estética e na filosofia como Merleau-Ponty, Didi-Huberman, Rancière e Foucault.

Charliston Pablo do Nascimento > UEFS/Dourotrando filosofia UFMG

## **Incorporação de significado e Kledons teóricos: sobre a interpretação da obra de arte em Arthur Danto**

Interpretado como o discurso de razões institucionalizado, o mundo da arte de Danto apreende que obras de arte sejam expressões simbólicas, dependentes de um conjunto de razões que lhes imprimem um caráter distinto de meras coisas. Enquanto uma coisa é uma coisa por natureza, as obras de arte o são em vista de um é identificador próprio, uma predicação que metaforiza sobre a coisa uma significação dentro do sistema de discursos de razões, devendo a coisa corporificar esse significado se interpretada sob esse sistema que a transfigura em obra de arte. Entretanto, embora pensado como um conceito singular, o mundo da arte é um complexo que difere conforme os discursos, as culturas e a história, exigindo de seus membros a atenção a esses fatores e, também, de que a pluralidade de discursos não incide subjetivações interpretativas. Para Danto, a interpretação da obra de arte é correta quando inferencial (no sentido de ser restrita aos critérios de verdade e falsidade) e de superfície (na qual a interpretação é referente às razões do agente), devendo o intérprete compreender como seu objetivo primeiro interpretar a obra como a incorporação do significado e, enquanto avaliador, ajuizar se o significado foi bem incorporado na obra. Nesta comunicação, procuraremos tensionar o sentido do é identificador da obra de arte e de sua consequente interpretação, relacionando-os e distinguindo-os das interpretações profundas e dos discursos aos quais Danto nomeou "kledons teóricos". Palavras-chave: mundo da arte; obra de arte; kledon; interpretação.

Virginia Helena Aragonês Aita > ECA/USP

## **De volta à Kant: Filosofias contemporâneas e crítica reflexiva**

O impasse criado ao longo da história da arte por narrativas dominantes, subservientes a imperativos filosóficos definindo os fins e a essência da arte em um conceito, converge no colapso desses marcos teóricos, que Danto, entre outros, caracterizou como o 'fim da arte'. Já para J. Rancière, trata-se antes do esgotamento dos

'regimes representativos' ao que contrapõe o 'regime estético' da arte, em que uma 'política de redistribuição do sensível' recusa inteiros sistemas de significados ordinários, potencializando o dissenso e novos modos de percepção para rearticular relações entre corpos e capacidades, entre o que é visto e o que é dito, imagem e discurso. Rasurando hierarquias e significados imediatos das formas, aponta uma tensão estrutural que sinaliza uma nova e ambígua relação com a vida. Aqui o sentido político reside nesta rearticulação que vai reconfigurar o sensível para assim restaurar sua inteligibilidade, tornando visível processos ocultos, complexidades opacas. Essas duas abordagens teóricas da arte, semântica e semiótica, endereçando-se respectivamente à linguagem da crítica e a uma reconfiguração estética, ao confrontar o cenário imprevisível da arte contemporânea, suscitam um desafio. Bem entendido, uma hermenêutica radical e inclusiva, capaz de abranger a heterogeneidade da arte, sua produção e recepção, introduzindo novas taxonomias a partir de conteúdos não-conceituais, de 'formas por vir', de sentidos latentes que carecem de descrição. Nesse sentido, ao explorar territórios não normatizados, essas abordagens aludem a uma crítica meta-filosófica, independente de teses substantivas e doutrinas, que nos remete inequivocamente ao empreendimento reflexivo de Kant na sua Crítica da faculdade do juízo estético, em contraste com as estéticas especulativas subsequentes. Sublinhando a função reflexionante do juízo estético, a par de uma 'imaginação produtiva', compondo gosto e gênio, a produção e a recepção da arte, pretende-se delimitar a ampla capilaridade desta noção de crítica fundada no reflektieren. Ancorando essa reflexão (à base do sistema crítico) na simples possibilidade de pensar o particular sensível mediante operações elementares de "comparação, abstração e reflexão" produzem-se novos padrões e conceitos sem pretender um conhecimento, mas antes o incessante "jogo livre das faculdades" em combinatórias possíveis à base da experiência estética. O desdobramento dessa investigação comparativa deve conduzir a uma nova compreensão do estético no cenário cambiante e pluralista da contemporaneidade.